



Rudesindo Soutelo
compositor
e mestre em Educação Artística

Pensamento sistémico

Ninguém sabe como se vão organizar as sociedades que habitam este mundo se o poder não conseguir manter a ditadura financeira global. Mas todos sabem que o modelo atual é insustentável porque, segundo diz o sociólogo Edgar Morin, na sua obra *Reformar o Pensamento*: “A ciência económica isolou-se das outras dimensões humanas e sociais que lhe são inseparáveis” e “uma inteligência incapaz de encarar o contexto e o complexo planetário torna-se cega, inconsciente e irresponsável”¹. São estes os especialistas que sabem quase tudo de quase nada, ou como reza no busto de Abel Salazar, no Instituto de Ciências Biomédicas do Porto: “O médico que só sabe de medicina, nem de medicina sabe”.

No século XVI, o filósofo francês Michel de Montaigne formula - no ensaio *De l'institutione des enfans* - a primeira finalidade do ensino: “Qui eust plustost la teste bien faicte, que bien pleine” [antes a cabeça bem feita, que bem cheia]². Para lidar com os desafios da complexidade precisamos de uma cabeça apta para organizar os conhecimentos - não só acumulá-los - e que o espírito cientista, por si só, não forma. Nos anos 60 do século XX apareceram novas disciplinas científicas que religam saberes fragmentados dando origem a novas ciências transdisciplinares, como a ecologia ou a cosmologia, e que Edgar Morin descreve como tendo “por objeto não um setor ou uma parcela, mas um sistema complexo formando um todo organizador”³.

A noção de sistema surge no século XVIII e assim, na *Encyclopédie raisonnée des sciences, des arts et des métiers* de Diderot e de Alambert, publicada entre 1750 e 1772, um dos artigos mais longos (40 páginas) é precisamente o que trata dos sistemas. Foi escrito pelo filósofo Jean-Jacques Rousseau e, em grande parte, está dedicado ao «sistema geral» das notações musicais. Referindo-se a ele, o engenheiro e professor de sistemas Jean-Louis Le Moigne anota que é “o processo de modelização mais espantoso inventado pelo espírito humano, já que permite representar inteligivelmente, reproduzir e comunicar o fenómeno mais inefável (o mais indescritível) que é possível conhecer: a harmonia musical. No século XVIII a palavra sistema exprime muitas vezes o que nós entendemos, no século XX, por um modelo ou por um método de modelização”⁴.

Musicalmente, Rousseau não passa de um diletante eloquente com gostos duvidosos. Nesse artigo da *Encyclopédie* apresenta o sistema musical do italiano Giuseppe Tartini como o mais

‘natural’, mostrando-se incapaz de perceber a transcendência do sistema de Jean-Philippe Rameau que publicara, já em 1722, o *Traité de l'harmonie*⁵ onde resumia os princípios fundamentais que permitiram à música ocidental evoluir até aos inícios do século XX. Outro francês, Claude Bernard, em 1865 deitará por terra o mito positivista dos «sistemas naturais» quando na *Introduction à la médecine expérimentale* conclui: “Os sistemas não estão na natureza mas no espírito do homem”⁶.

A cabeça bem feita de Rameau estabeleceu a formação dos acordes por sobreposição de terceiras e alargou as regras da modulação para todas as tonalidades favorecendo assim a consolidação do temperamento igual - a afinação mais artificial e desafinada de quantas se tinham experimentado - mas garantiu um sistema tonal coerente e universal com regras claras que tanto serviram a Mozart como a Berlioz. Será uma nova *Harmonia*⁷, publicada em 1911 por Arnold Schoenberg, outra cabeça bem feita da música ocidental, que vai culminar o sistema tonal de Rameau e abrir os caminhos da diversidade não tonal. Obviamente, não faltam, ainda hoje, os diletantes eloquentes com gostos duvidosos, e a cabeça bem cheia, incapazes de perceber a transcendência do sistema não tonal, “um sistema complexo formando um todo organizador”. Para além de arte, a música é uma ciência sistémica que integra os paradigmas da complexidade, da instabilidade e da intersubjetividade. Isto não nega o ‘reducionismo-mecanicista’ das musiquetas de consumo que produz a indústria cultural - assentes nos pressupostos de simplicidade, estabilidade e objetividade do pensamento cartesiano que inspira a ciência económica - mas que não oferece suficientes parâmetros para o progresso humano, revelando-se “incapaz de encarar o contexto e o complexo planetário”. Ninguém sabe como se vai organizar a música se conseguirmos sobreviver a esta crise de valores inoculada pela indústria cultural, mas a música é um processo de interação social que parte da invenção-criação original e, para ser comunicada e gerar valores (culturais, humanos), abrange uma pluralidade de disciplinas, pelo que não pode renunciar à sistémica, ao conhecimento do todo complexo e utilizando as palavras de Le Moigne quando fala da reconstrução das epistemologias construtivistas- “privilegiando a interação do sujeito observador e do



objeto observado mais do que a sua absoluta separação, e considerando o conhecimento mais um *projeto construído* do que um objeto *dado*⁸. Em contraposição, as musiquetas são esses objetos sonoros prefabricados, com obsolescência programada, para divertimento alienante das massas por meio da praxis mecanicista ou reprodução da rotina. A complexidade não está na natureza das coisas mas sim no código que utilizamos para as interpretar.

Para ultrapassar as crises é preciso fortalecer as competências da sociedade no pensamento sistémico até apreendermos a “complexidade do simples”⁹.

NOTA

- 1 Morin, E. (2002). *Reformar o Pensamento*. (A. P. Viveiros, Trad.) Lisboa: Instituto Piaget, p. 15-16.
- 2 Montaigne, M. d. (2004). *Les Essais - Version HTML d'après l'édition de 1595*. Obtido em 7 de agosto de 2012, de La page de Trismégiste: <http://www.bribes.org/trismegiste/montable.htm>, cap. XXV.
- 3 Morin, E. (2002), op. cit. p. 29.
- 4 Le Moigne, J.-L. (1999). *O Construtivismo (Dos Fundamentos)* (Vol. I). (M. Mascarenhas, Trad.) Lisboa: Instituto Piaget, p. 79.
- 5 Rameau, J.-P. (1984). *Traité de l'harmonie réduite à ses principes naturels (1722)* (Fac-simile ed.). Madrid: Arte Tripharia.
- 6 Bernard, C. (1865). *Introduction à la médecine expérimentale*. Paris: Librairie Joseph Gibert, p. 297.
- 7 Schoenberg, A. (2001). *Harmonia*. (M. Maluf, Trad.) São Paulo: UNESP.
- 8 Le Moigne, J.-L. (1999), op. cit. pp. 72-73.
- 9 Soutelo, R. (2010). *A complexidade do simples (Criação do Conto Musical A Caixa dos Laços)*. Dissertação de Mestrado (ESE-IPVC). Vila Praia de Ancora: Autor.